

## Editorial

Analice Pereira

Era o ano de 2021, quando Rafael Torres, servidor do IFPB, formado em Letras, com mestrado e doutorado na área de literatura, e que, na ocasião, ministrava aulas no Curso de Letras EaD/IFPB, lançou a ideia de criarmos uma revista acadêmica do referido curso. Prontamente, eu concordei com a ideia e iniciamos nossas reuniões, contando com as participações dos professores Leonardo Monteiro e Cristiane de Sousa Castro. As reuniões aconteciam na modalidade remota devido às circunstâncias da pandemia de Covid-19 que nos circundava e amedrontava.

Dentre as primeiras providências, estava a de definir um título. Caetana veio, também, como sugestão de Rafael, em referência à personagem de Ariano Suassuna, escritor paraibano cujo reconhecimento se destaca notória e nacionalmente. Confesso que, em meu íntimo, gostei do título, também, pela possibilidade de homenagem a Caetano Veloso, que eu admiro profundamente e que está na minha trilha sonora de vida, cotidianamente.

Definido o título da Revista, imaginei, imediatamente, que Raoni Xavier, diagramador e ilustrador de livros didáticos dentro e fora do IFPB, pudesse integrar também o projeto da revista, pelo seu talento e sensibilidade para os assuntos literários, já que, entre suas práticas artísticas, está a de contista. E assim Raoni entrou no projeto: criando a identidade visual, conforme podemos conferir na tipologia das letras do título da revista e suas referências à obra de Ariano Suassuna, além das ilustrações apresentadas neste número.

A capa da Caetana é assinada pelo não menos talentoso programador visual Adino Bandeira, também servidor no IFPB, com trabalhos desenvolvidos na Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação – PRPIPG. Atento e também sensível à obra de Ariano Suassuna, de quem é fã desde a adolescência, Adino elaborou uma capa para a revista que a marcaria de forma criativa no foco à homenagem não apenas ao escritor Ariano Suassuna, mas a todo esse universo sertanejo, tradicional, popular e fantástico que ele traz para a sua literatura.

O leitor e a leitora dessa revista podem conferir, dessa forma, a realização de um trabalho artístico belo em seu formato, traços, cores e extremamente rico em referências à obra de Ariano Suassuna, que nos serviu (a todos e todas) de inspiração e que reproduzimos a seguir:

### ***A Moça Caetana a morte sertaneja***

Ariano Suassuna

*Eu vi a Morte, a moça Caetana,  
com o manto negro, rubro e amarelo.  
Vi o inocente olhar, puro e perverso,  
e os dentes de coral da desumana.*

*Eu vi o estrago, o bote, o ardor cruel,  
os peitos fascinantes e esquisitos.  
Na mão direita, a cobra cascavel,  
e na esquerda a coral, rubi maldito.*

*Na frente, uma coroa e o gavião.*

*Nas espáduas, as asas deslumbrantes  
que, rufiando nas pedras do sertão,*

*pairavam sobre urtigas causticantes,  
caules de prata, espinhos estrelados  
e os cachos do meu sangue iluminado.*

E completando a equipe responsável pelos elementos multissemióticos da Caetana, contamos, ainda, com o zelo, ouvidos atentos e o talento de Demétrius Oliveira, que assina a diagramação de nossa revista, em perfeita consonância com a identidade visual e as necessidades demandadas pelos diferentes gêneros textuais que compõem este número: artigos, testemunhos, narrativas de ficção e poemas.

Título definido, identidade visual e capa criadas, partimos para a construção do primeiro número da Revista Caetana e seu lançamento no universo acadêmico e consideramos que seria de excelente tom estreamos homenageando Moema Selma D’Andrea, professora que marcou, não somente a minha vida acadêmica e a de Rafael, mas a de algumas gerações de alunos e alunas que passaram pelo Curso de Letras da UFPB, campus João Pessoa.

“Neta de Antonio Candido e filha de Roberto Schwarz” (como ela costumava se nomear), Moema ensinava, especialmente, a ler o texto literário, dando a devida importância, inclusive, àquelas nossas ingênuas impressões, observadas por ela, não raramente, como chaves de interpretação do texto literário bastante interessantes. Nada se perdia em suas aulas. Para mim, ela segue sendo um exemplo de leitora e de professora. Para alguns de seus colegas, também. É o que podemos conferir nos textos de Sônia Ramalho e de Sérgio de Castro, publicados nas páginas seguintes.

No campo dos afetos mais íntimos e pessoais, Moema foi a mãe, a avó, a amiga, a colega de profissão admirada por todos e todas que lhe frequentavam. Sua rotina de leitura, portanto de trabalho, não negligenciava bons momentos regados a vinho, bebida de sua predileção. Generosa em seus aconselhamentos para os enfrentamentos das coisas da vida, Moema era uma humanista por excelência. Por essa razão, convidamos algumas pessoas de seu convívio para compor conosco essa homenagem: Zezé (Maria José Teixeira Lopes Gomes), sua amiga de adolescência, de quem nunca se separou; Isadora Grego D’Andrea, neta que a acompanhou, desde pequenina; Amador Ribeiro Neto, poeta e professor aposentado da UFPB; e Aderaldo Luciano, poeta e ex-aluno.

Esses textos estão agrupados na seção “Uma homenagem”, que conta, também, com um texto de minha autoria em que reflito um pouco sobre os movimentos de leitora que Moema desenvolvia, tanto em sala de aula quanto em sua produção escrita. Além dessa seção, a Revista conta, ainda, com “Outras palavras”, que reúne narrativas ficcionais de Raoni Xavier e Jon Moreira, além de poemas de Expedito Ferraz Jr. e de Renáli de Carvalho.

Como se pode observar, este número um da Revista traz como tema “Literatura e Modernismo Brasileiro”, assunto que perpassou praticamente toda a produção acadêmica de Moema Selma D’Andrea. Basta lembrarmos que, dentre as suas publicações, tanto em coletâneas de artigos em livros, quanto suas teses, ou mesmo resenhas para revistas, jornais e suplementos literários, destacam-se aquelas relacionadas aos debates sobre modernismo e modernidade, com ênfase em poetas e escritores brasileiros, a exemplo de Ronaldo Correia de Brito, José Lins do Rego, Machado de Assis, Dalton Trevisan, Mário de Andrade, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Joaquim Cardozo, Jô Soares, Clarice Lispector, Raquel de Queiroz.

Por isso, abrimos a revista com um artigo de sua autoria, publicado originalmente em “Estudos de Sociologia”, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 1 (1), pp. 53-62, 1995. A

relevância das reflexões da professora sobre as tensões entre o Regionalismo do Nordeste e o Modernismo Paulista nas primeiras décadas do século XX responde à intenção primeira da Caetana, que era a de entrar na cena acadêmica em sintonia com as comemorações do centenário do Modernismo Brasileiro, quando prevíamos a sua estreia no ano de 2022. Perdemos o timing dessas comemorações, mas seguimos no clima de atualização das discussões, quando consideramos, por exemplo, que, neste ano de 2025, completam-se 80 anos da morte de Mário de Andrade, nome de destaque do Modernismo, a quem Moema tinha na conta de intelectual com “infatigável busca de uma interpretação contemporânea da realidade brasileira, [...] coerente com sua atuação intelectual e, notadamente, com o princípio de ‘atualização da inteligência brasileira’”, conforme consta no referido artigo que ora republicamos.

É nesse clima de homenagem e reconhecimento de uma intelectual de imensa envergadura como foi (e segue sendo) Moema Selma D’Andrea que estreamos no catálogo de periódicos da Editora do IFPB: com uma publicação acadêmica no Curso de Letras EaD/IFPB que abre um novo espaço para pesquisadores e pesquisadoras de dentro e de fora do Instituto, incluindo nossos alunos e nossas alunas.

Boa leitura!

